

“Retalhos da vida de um médico” – Posfácio à Edição de 2016

O mosaico que esta obra de Fernando Namora constitui é, muito provavelmente, o mais marcante da primeira fase da sua vasta produção literária. O ciclo rural. Foi escrito pelo médico recém-formado em Coimbra que, muito jovem, chega a Monsanto para exercer a profissão. Os elementos que o compõem são peças de prosa que sensibilizam pelo realismo. O realismo da vida dos cidadãos e das famílias na província da Beira Baixa, na atmosfera sociopolítica de Portugal em 1943-1944. Todas as peças são unidas pelo Humanismo que exibem, mais do que pela prática da medicina.

Começo por precisar o ambiente vivido por Namora.

Primeiro, Monsanto. Uma aldeia diferente pelas imensas narrativas que remontam aos tempos de Viriato. A lenda do famoso cerco ao Castelo que acabou quando os Monsanto, em desespero, lançaram pelas ameias a última vitela para fazer crer aos inimigos sitiados que alimentos abundavam no interior das muralhas. Crónica, ainda hoje, lembrada e comemorada com particular orgulho. Esta magia de Monsanto não poderá ser ignorada ao interpretar os episódios escritos por Namora. As suas tradições, lendas, bem como a sua história gloriosa, assentam na quase inexpugnabilidade das suas muralhas. Para tal contribuiria a forma penhascosa da Vila, eminentemente granítica, tida como “sentinela heroica e ardente”¹ que protegeu Monsanto de romanos, mouros ou castelhanos.

É aqui que Fernando Namora se instala em 1944, recém-formado na Faculdade de Coimbra (1942), a fim de ocupar o cargo de Médico Municipal Substituto. Na Universidade convive e cria laços de intenso companheirismo com João José Cochofel, Carlos de Oliveira, João Gaspar Costa e Joaquim Namorado. É ainda em Coimbra que perde Arminda, sua Mulher, durante o parto da primeira Filha.

O casamento com Isaura (Zita) *“levou-me a Monsanto...a empolgante aspereza física, a majestade inviolada e também a ambiência medieval, que na Zita foi sendo, pelos anos fora, uma raiz transfiguradora, o agasalho de um abrigo. Cada manhã em Monsanto nasce o mundo”*².

Portugal, em 1943-1944, com Salazar no Governo, Carmona em Belém, Cerejeira na Igreja e António Ferro na Propaganda³, apoiados pela Espanha de Franco, era um País rural e pobre. A Península foi poupada à Guerra mas, apesar disso, não progredia. Era o tempo das exportações de volfrâmio para a Alemanha e da cedência dos Açores aos Aliados. Era, igualmente, o tempo do Império e do “Acto Colonial”, da PVDE⁴ e do isolamento da Ditadura do Estado Novo. Também dos desfiles da Mocidade Portuguesa.

Na altura, Monsanto foi inventada pela Propaganda como *“imagem empolgante da nossa pobreza honrada e limpa”*, o seu povo *“vive contente a rezar, a dançar e a cantar, dando lições*

¹ Expressão de Adolfo Simões Muler (1909-1989).

² Autobiografia, 1987, publicada por “O Jornal”, Lisboa.

³ O Secretariado da Propaganda Nacional foi instituído pelo Estado Novo em 1933.

⁴ Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, criada em 1933 e que, a partir de 1945, deu lugar à PIDE.

*de optimismo às cidades fatigadas, pessimistas, compreendendo, como poucos, o ressurgimento português, mais ávido de bens espirituais – a escola, a igreja, a família – do que materiais*⁵.

Sobre Monsanto, a retórica de então considerava que *“nas suas pedras sente-se o palpitar do próprio coração de Portugal com os seus oito séculos de história”*⁶.

Foi em 1938 que o “coração de Portugal” recebe o título oficial de “Aldeia mais Portuguesa de Portugal”. O “Galo de Prata”⁷ foi entregue com pompa em cerimónia de gala no Teatro Nacional em Lisboa para ser colocado no campanário da igreja de Monsanto. A junção da pobreza à alegria passou a ser símbolo oficial. Para António Ferro, como *“as ceifeiras cantavam, dançavam e rezavam eram, necessariamente, alegres”*⁸.

Naqueles anos, em oposição à intensa Propaganda Oficial, a Literatura e as Artes são marcadas, entre muitos outros, por neorrealistas como o próprio Fernando Namora, Alves Redol (*Gaibéus*, 1939) e Soeiro Pereira Gomes (*Esteiros*, 1941), José Rodrigues Miguéis (*Páscoa Feliz*, 1932), Avelino Cunhal no Teatro, Júlio Pomar e Manuel Ribeiro de Pavia na Pintura, Maria Barreira na Cerâmica (Júlio Pomar, igualmente), bem como Fernando Lopes Graça, na Música (*História Trágico-Marítima*, 1942).

Ora, é nesta atmosfera de confronto entre propagandistas do Estado Novo, por um lado, e os que se opõem a Salazar, por outro, que Namora escreve o que sentiu, o que experimentou, o que observou. Os seus retalhos contam, genuinamente, a realidade do ambiente rural de então. Tudo bem diferente, em contraste com a Propaganda. O povo sofria. A inexistência de infraestrutura associava-se a rendimentos muito baixos para a grande maioria das famílias residentes nos aglomerados da freguesia de Monsanto. A pobreza predomina e condiciona, naturalmente, a saúde de mães, crianças e de jovens e idosos. Todos conhecem a amargura e a angústia desses tempos⁹.

Esses relatos impressionam não só pelo estilo literário (e estético) mas, sobretudo, pelos valores que traduzem. Impressionam pelo rigor narrativo, pelos detalhes descritivos, quer das famílias quer do ambiente social da época. Muitas vezes a prosa é quase poética¹⁰, mas descrevem a dureza da realidade, as dificuldades sempre presentes, a forma triste da vida dos habitantes da freguesia. As doenças frequentes, a ignorância, a intervenção negativa de curandeiros, a par do analfabetismo crónico prevalente.

De entre a vasta obra que escreveu e que foi amplamente premiada, estes *Retalhos* ocupam um significado especial. O interesse e a sua beleza permanecem inquestionáveis. Mais do que os textos que retratam a vida das famílias Monsanto na altura (que, aliás, não são descrições de meras memórias), Monsanto marca a vida de Fernando Namora como homem, como

⁵ Palavras de António Ferro, no discurso de 4 de fevereiro de 1939, no Teatro Nacional em Lisboa.

⁶ Expressões utilizadas pelos representantes do Secretariado da Propaganda Nacional em 1939.

⁷ Galo que para os “ideólogos” do Secretariado da Propaganda Nacional simboliza o apelo ao trabalho.

⁸ Para Salazar, a pobreza associada à alegria era bandeira maior do Estado Novo. A marca da época era fazer sobressair a ideia da alegria do Povo no discurso oficial que estava, igualmente, presente na criação da FNAT ou no famoso fado de Amália “Era uma casa Portuguesa...”.

⁹ Namora escreve a I Série de *Retalhos da Vida de um Médico* já em Pavia, no Alentejo, onde ocupou o cargo de Médico Municipal entre 1946-1950. A Obra é publicada, pela primeira vez, em 1949.

¹⁰ “Cheguei a casa e espevitei a lenha”.

médico e como escritor. Em prosa autobiográfica, é Namora que reconhece não saber distinguir em si próprio o homem, o médico e o escritor¹¹.

No início dos retalhos, Fernando Namora assinala, logo no primeiro episódio, o contexto: “*Com vinte e quatro anos medrosos e um diploma de médico, tinha começado a minha vida em Monsanto.*”

Como se sabe os textos já foram escritos no Alentejo. Foram editados quatro anos depois da Vitória dos Aliados. Para ele, como para os Portugueses, nasce, desde então, uma nova esperança de Libertação. Foi preciso esperar 30 anos por Nova Proclamação Democrática¹².

Ainda nos dias de hoje as poucas dezenas de pessoas que habitam o centro da Vila, ao abordarem visitantes, citam com manifesta satisfação terem lidado de perto com Fernando Namora. A designação de Aldeia Histórica em 1995 promoveu o turismo de curta duração, absolutamente central para a economia local.

Em recente visita que fiz a Monsanto, um pensionista de idade avançada apressou-se a mostrar-me o banco de pedra onde, habitualmente, se sentava em frente do consultório, à espera de consulta médica. Um outro reproduziu conversas havidas com Fernando Namora. A Tia Alice¹³ contava-me que, mesmo já perto do poente da vida, era costume de Fernando Namora, muito antes de chegar a Monsanto, telefonar a avisar para tudo estar preparado. Fazia encomendas antecipadas. Outros, ainda, fazem questão em mostrar a residência da Mulher com quem Namora casou e que o levou para Monsanto. Falam todos com visível orgulho.

Curiosamente, durante a segunda metade dos anos 70 do nosso grande Século XX, fui médico na Vila de Cuba do Alentejo. Tinham passado mais de 30 anos sobre a chegada de Namora junto da população Monsanto. Mas, para além de a época ser outra, os cenários alentejanos eram diferentes. Estive sempre rodeado de planícies de trigo, girassol ou de azinheiras e oliveiras, que eram bem distintos dos descritos por Fernando Namora. Os recortes dos horizontes eram outros. O ambiente das zonas beirãs fronteiriças não tinha equivalência nas imensas searas cuidadas pelos cubenses. As deslocações de Namora na Vila, entre blocos de granito, nas estreitas veredas, ou pelos campos cobertos de neve, os ventos, as courelas, as campinas, as colinas e os montes também não se reproduziam nas paisagens do Alentejo. As modas cantadas aqui pelos trabalhadores rurais do Baixo Alentejo também não tinham comparação com os cantares da Beira.

Diria, quase tudo era diferente. Porém, a pobreza, a ruralidade, o analfabetismo e a iliteracia eram comuns.

Vivi episódios semelhantes, como, aliás, todos os médicos da periferia testemunham. Todavia, ninguém conseguiu escrevê-los como Fernando Namora.

¹¹ Obra citada em 2.

¹² Fernando Namora, só depois de Abril de 1974, aceitou desempenhar o cargo “da *presidência do Instituto de Cultura Portuguesa, onde me senti muito bem*” (Autobiografia citada, pp. 40).

¹³ Fabricante e vendedora das famosas *Marafonas* (bonecas de trapo enfeitadas).

Todos nós, médicos em meio rural, em condições muito difíceis, experimentámos estranhos abalos emotivos ao assistir partos “a ferros” em jovens mulheres da aldeia, ou à tragédia que a morte no poço representava, aos suicídios, às doenças incuráveis, à tuberculose dramática, aos acidentes, às múltiplas fatalidades...

Sublinho, no entanto, que ser médico na periferia, fora dos centros urbanos, é fascinante. Ainda hoje, sinto, através da memória, esse fascínio vibrante. A proximidade aos cidadãos, conhecê-los pelos seus nomes, saber das suas famílias e como se inserem na comunidade, são sensações geradoras de imensa satisfação confundida, por sua vez, por múltiplas emoções. Uma espécie de família extensa que inclui todos...

Hoje a realidade é bem diversa. Os médicos, ao acabarem os estudos universitários, procuram centros de elevada diferenciação para aí prosseguirem a formação como futuros especialistas. Optam por centros excelentes de referência, em modernos hospitais e serviços pontuados pelo reconhecimento de boas práticas, muito bem equipados e que dispõem, invariavelmente, da última geração de meios auxiliares de diagnóstico e de terapêutica. Acompanham todos os dias os resultados do processo permanente de inovação, incluindo sobre os novos agentes terapêuticos para doenças até há pouco tidas como de evolução fatal (e que, muitas vezes, curam).

As novas tecnologias colocam, agora, os médicos hospitalares a utilizarem complexos meios que quase fazem esquecer o estetoscópio e o esfigmomanómetro indispensáveis na maleta do médico depois da II Guerra.

É, por isto mesmo, que os *Retalhos da Vida de um Médico* são, simultaneamente, atraentes e necessários. Todos os leitores ao lerem ou relerem as páginas de Namora encontram na Obra, ora reeditada, descrições da ruralidade do País na transição para o fim da Guerra. Já estudantes das faculdades de medicina, médicos, enfermeiros, farmacêuticos e outros especialistas das disciplinas de Ciências da Saúde, ficam a conhecer as imensas diferenças entre o que era exercer Medicina naquele tempo e Hoje.

Indispensável, portanto.

Francisco George

Lisboa, junho de 2016

[POSFÁCIO à edição de 2016 de "Retalhos da Vida de um Médico" de Fernando Namora (Editorial Caminho); Publicado a 27 de outubro de 2016, em www.dgs.pt]